

PIERRE RIVIÈRE E MARCELO DE ANDRADE

Crimes que se contam

PRECILIANA BARRETO DE MORAIS

*Socióloga.
Mestra e Doutoranda em Sociologia pela
Universidade Federal do Ceará.
Prof.ª do Centro de Ciências Humanas
da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar sociologicamente o comportamento dos saberes jurídico e médico frente a dois crimes hediondos ocorridos nos séculos XIX e XX respectivamente (Pierre Rivière e Marcelo de Andrade)

ABSTRACT

The present study has the purpose of analysing, from a sociological perspective, the judicial and medical stances taken when two cruel murders occurred in the 19th and 20th centuries, that is, Pierre Rivière in the former Marcelo Andrade in the latter.

1. Introdução

*É a verdade o que assombra,
o descaso o que condena,
a estupidez o que destrói.
Eu vejo tudo o que se foi
e o que não existe mais.
Tenho os sentidos já dormentes,
o corpo quer, a alma entende.
Esta é a terra-de-ninguém
e sei que devo resistir -
eu quero a espada em minhas
mãos
Sou metal - raio, relâmpago e tro-
vão.
Sou metal, eu sou o ouro em seu
brasão.
Sou metal: me sabe o sopro do
dragão.
Não me entrego sem lutar
Tenho ainda coração.
Não aprendi a me render:
que caia o inimigo então.*

Renato Russo

A doença mental, a morte, os assassinatos são aspectos enigmáticos na realidade que circundam nossa imaginação e nos remetem a pensar sobre a sorte a que estamos entregues.

Os saberes legitimados e autorizados tentam explicar racionalmente, bem como esclarecer a violência que se impõe nestes atos. Criam-se rótulos e espaços (hospitais psiquiátricos e prisões) para assegurar a eficácia das classificações. No entanto, assim como a realida-

de, as vontades, os desejos, têm uma dinâmica própria, independente.

Deste modo, vamos discutir neste artigo os casos Pierre Rivière (1835) e Marcelo Andrade (1991), por considerar que ambos, apesar de ocorridos em séculos diferentes, não se dobraram à *camisa de força* dos saberes.

Rivière, com seu memorial-re-lato, traçou caminhos diferentes para a discussão do seu crime. Marcelo Andrade, com o detalhamento frio e tranqüilo sobre seus assassinatos, afrontou as teorias que pretendem ser absolutas nas análises de crimes violentos. O comportamento desses agentes ativos fugiu às classificações. Pierre e Marcelo apresentaram sinais que foram adequados pelo conhecimento *parcialmente unificado* - na expressão de Herbert Spencer (1820-1903) - os saberes médico e jurídico, ao que estes consideram *loucura*. Mas, se tornaram insignificantes diante do gesto maior - **quem eles mataram** (crianças e pessoas da família) - e a maneira como o fizeram.

Com isto, procuraremos expor às *affaires* e apresentar sucintamente um esboço histórico da psiquiatria, já que este ramo da ciência médico-comportamental tem como especialidade a produção de conhecimento acerca da *loucura*.

A intenção de criar uma ponte entre esses acontecimentos decorre do fato de considerarmos que, mesmo com o extraordinário desenvolvi-

mento científico e todo o progresso social, os crimes se impõem através dos séculos de forma inexplicada. No entanto, mesmo com o conhecimento racional (incluindo a evolução das penas), tais ilícitos continuam a ser parcialmente explicados e justificados sem a necessária profundidade, conduzindo as pessoas a entendimentos falazes e meias verdades.

Com efeito, recorrendo às análises de Jean-Pierre Peter e Jeane Favret, havemos de indagar: - por que os saberes - aqui, médico e jurídico - persistem em querer ser donos seguros do poder sobre a verdade? Esta traz outras inquirições: será que podem eles fazer crer que não tremeram ou não tremem, descobrindo a cada vez que a monstruosidade agressiva do **outro** recaía ou recai sobre eles?, ou que, entre eles, qualquer um poderia falar a mesma linguagem, ou ainda, que o desejo pode transportar barreiras, e que o normal é apenas uma palavra que se aplica? (FOUCAULT, 1988: 200).

Com centro neste pequenino aspecto da discussão sobre loucura, crime, castigo e suas diversificadas formas de expressão, entendemos ser oportuno expressar a inquietação que, sob este prisma, assalta de medo a sociedade culta (em que se incluem, evidentemente os estudiosos), sem qualquer pretensão de realizar ensaio teórico-acadêmico.

Este artigo, pois, traz nossa intenção de suscitar e debater alguns pontos relevantes acerca de fatos singulares, no âmbito da temática em lide, que sucedem na nossa história sem explicações plausíveis, nem soluções, pelo menos, temporárias.

Fica nossa expectativa de que o debate porventura ensejado pelo conteúdo deste sirva para auxiliar na montagem de estratégias, a fim de minorar o problema, levando, também, outras pessoas a seguir a mesma trilha através de opiniões materializadas em escritos.

2. Pierre Rivière em 1835 - Enredo recontado

Com a intenção de proceder a um estudo das relações entre a psiquiatria e a justiça penal, Michel Foucault e um grupo de estudiosos por ele coordenado encontraram, entre os casos de crimes relatados nos **Annales d'hygiène publique et de médecine legale**, de 1836, um que lhes chamou de forma significativa a atenção: o de um rapaz chamado Jean Pierre Rivière que, aos vinte anos de idade, degolou a mãe, Victorie Brion, sua irmã Victorie Rivière, de 18 anos, e seu irmão Jules Rivière, de oito anos.

Os pesquisadores quiseram conhecer a história desta chacina por três motivos: a) o fato de, ao analisarem os relatórios médicos sobre a ocorrência, perceberem que es-

tes não coincidiam; b) encontrarem uma quantidade considerável de relatos sobre a personalidade do agente ativo no processo judiciário, fornecidos por todos os habitantes do lugarejo onde morava; c) e, principalmente, em razão da existência de um memorial onde Pierre Rivière contava detalhadamente sua vida desde a infância, bem como relatava o crime e dizia da sua justificativa, isto é, por que o cometeu.

A discussão em torno destes crimes suscitou entre os investigadores a seguinte pergunta: - o que havia neste delito de tão excepcional que, após haver chamado a atenção dos médicos e juristas de forma tão intensa, desconcertou os seus saberes ao ponto de o silêncio se fazer rápido e total sobre o caso ?

Pierre Rivière, o primeiro de uma família de cinco filhos, degolou sua mãe a golpes de foice, no dia 3 de junho de 1835, na comuna de Aunay, na aldeia de La Faucterie, a fim de livrar o pai de todos os infortúnios causados por sua mulher. Decapitou a irmã porque esta tomava o partido da mãe; e matou o irmão porque este amava a mãe e a irmã, mas, principalmente, para provocar no pai o sentimento de revolta contra ele (Pierre) , porquanto o pai tinha uma afeição muito grande pelo garoto assassinado. Destarte, quando Pierre fosse condenado à pena capital, o pai não interferiria para a mudança do castigo.

No final do seu primeiro interrogatório, Pierre declara:

(...) Foi para tirar meu pai de apuros que fiz aquilo. Quis livrá-lo de uma mulher má que o atormentava continuamente, desde que se casou com ele, e que o arruinava, que o levava a tal desespero que às vezes ele era tentado a suicidar-se. Matei minha irmã Victorie porque tomava partido de minha mãe. Matei meu irmão porque amava minha mãe e minha irmã (FOUCAULT, 1988:23).

O memorial escrito na prisão faz o leitor depreender a relação conflituosa e caótica experimentada pelos pais, do casamento até a separação. A situação econômica, afetiva, familiar, de relacionamento com os filhos e vizinhos é descrita tão detalhada e profundamente por Pierre Rivière que provoca naquele que lê uma posição partidária, despertando a solidariedade a Pierre e levantando ira contra sua mãe.

Na seqüência do relato, Pierre expõe seu caráter, denuncia pensamentos, desejos na infância, seu comportamento na adolescência, a falha interação com os pais, irmãos e pessoas do lugarejo, sua visão de mundo e, principalmente, o modo como enxergava a mãe, motivos pelos quais premeditou e executou os crimes.

Pierre Rivière, o louco que ameaçava crianças e matava animais; o débil mental que dava risadas, falava sozinho e lia muito, escreveu de forma tão inteligente e se justifi-

cou tão coerentemente no memorial, ao ponto de levantar polêmicas entre os saberes sobre como classificar a loucura em uma *categoria*, pois o desempenho de Pierre não condizia em relação ao comportamento esperado de alienados.

O saber jurídico lamenta o fato de Rivière, por um ato atroz, haver tornado inúteis à sociedade suas qualidades, porquanto dispunha ele de uma memória prodigiosa, possuía grande aptidão para as ciências, como também detinha uma imaginação viva e forte, manifestando o desejo de instruir-se e alcançar a glória.

O saber médico, por sua vez, dividiu-se. De um lado, o considerou doente mental:

... a inteligência de Rivière não era sadia (...) o crime não era mais que o deplorável resultado de uma verdadeira alienação mental (Parecer do Dr. Vastel. Id.:115).

Da outra parte, o conhecimento médico-científico entendeu Rivière como um indivíduo capaz de planejar, de forma racional, o que vai fazer, com plena consciência das consequências que lhe serão atribuídas.

em Rivière nenhuma doença pode transtornar as funções do cérebro (...), não observei nele nenhum sinal de alienação mental. O triplo assassinato de que é culpado deve ser atribuído a um estado de exaltação momentânea, conseqüente dos

sofrimentos do seu pai (Parecer do Dr. Bouchard. Id.: 114).

Michel Foucault, nas suas análises, revela que mais impressionantes nesse caso, além da beleza do manuscrito de Rivière, são os discursos vários que se pronunciaram e se confrontaram, expondo pareceres a respeito: falas de origem, forma, organização e funções diferentes. Uma heterogeneidade - de juristas, médicos, aldeães - se entrelaçava em franca desarmonia; o que existia era um confronto, uma luta entre os saberes objetivando o domínio sobre a verdade; luta que se travou através dos discursos. Convém referir que, destes, o único não ouvido foi o de Pierre Rivière.

Pierre Rivière, após uma exposição exaustiva dos depoimentos, descrições da justiça e pareceres médico-legais, foi condenado à pena de morte. Mas, conforme Foucault,

*... nos meses que se seguiram o texto suscitou uma batalha de peritos, provocou as hesitações do júri, apoiou a defesa de Chaveau na Corte de Apelação, motivou, sob a caução de Esquirol, de Marc e de Orfila, o pedido de indulto, serviu de documento para um artigo do **Annales d'hygiène** no longo debate da monomania. Um movimento evidente de curiosidade e muita indecisão* (Id.: 211).

Mesmo com os apelos de Rivière, quando, durante o julgamento, repetia várias vezes *tenho pressa*

em morrer, sua voz foi ignorada e a pena permutada. Além da verdade, de fato, havia a verdade das opiniões, a verdade da ciência, e, esta sim, teria toda a autoridade para decidir o destino do triplamente homicida. Assim, com base no diagnóstico médico que o considerou um psicopata, é enviada ao Rei - poder absoluto - uma petição para comutar o castigo.

Pierre Rivière é condenado à prisão perpétua e, após quatro anos de cumprimento da sentença, comete suicídio. Impõe com este ato, perante a sociedade, seu direito de decidir, de morrer.

3. Marcelo de Andrade, 1991 - Um século depois, a violência se repete

Marcelo de Andrade, 25 anos, um rapaz aparentemente normal, confessa seus crimes e conta como degolou, estuprou e bebeu o sangue de catorze meninos, entre abril e dezembro de 1991, numa série assustadora de assassinatos (Veja, 9: 26/2/92).

O fato de Marcelo Costa de Andrade descrever friamente seus crimes e falar sobre sua vida, de forma coerente e com riqueza de detalhes, traz à tona uma discussão que envolve mistério e inquieta a racionalidade: a dimensão entre a loucura e a sanidade, a vida e a morte.

Marcelo relata seus assassinatos com uma frieza implacável, nos mínimos detalhes, e fornece explicações para os seus atos (Id.: 32).

Marcelo pertence ao estrato mais miserável da população. Como milhares de crianças, cresceu num ambiente conturbado, passando fome e outras privações, e presenciando as desavenças familiares. O rapaz, de aparência normal, que cometeu crimes hediondos, expressa através do seu ato o lado considerado de barbárie, a parte não civilizada do homem.

Filho de um balconista de bar com uma empregada doméstica, Marcelo teve uma infância sofrida. Até completar cinco anos, morou com os pais na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Nesse ambiente, presenciava as maiores violências. O pai acusava a mãe de traí-lo e a espancava frequentemente. Na época, Marcelo foi morar com os avós paternos no interior do Ceará. O avô o castigava bastante fisicamente. Um ano depois, voltou para o Rio de Janeiro, onde passou a morar um tempo com a mãe e outro com o pai, que já estavam separados, ocorrendo ser maltratado em ambos os locais. Contava apenas dez anos quando sofreu uma violência sexual por parte de um homem de 35 anos, que o estuprou. Logo depois, foi internado na Casa dos Meninos, no subúrbio de Engenho de Dentro, no Rio

de Janeiro, onde, aos 14 anos, atingiu a idade limite e teve que sair.

Como vimos, Marcelo de Andrade experimentou uma trajetória de vida conturbada. Rejeitado pela família, passou parte da puerícia e adolescência em instituições federais para menores. Ao sair, prostuiu-se para sobreviver. Morou durante um período com um homem com quem mantinha relações afetivas e sexuais e, em permuta, encontrou condições de sobrevivência. Depois de um tempo, separou-se do companheiro, voltou a morar com a mãe e conseguiu um emprego que lhe deu, por um período, certa estabilidade.

Ao descrever os assassinatos e tentar justificar por que os cometeu, Marcelo expõe a teque o atestado que é dado aos doentes mentais dos quais se espera apresentem comportamentos desordenados e discursos desconexos. A forma diferente de matar:

...arrebentou a cabeça do menino de 11 anos, bebeu seu sangue enquanto o estuprava e depois quebrou seu pescoço.

Justificar tal ato {**Eu bebi o sangue para ficar jovem e bonito como ele** (Id.: 35)} e expor minuciosamente os vários outros crimes são comportamentos que não se enquadram na lógica do conhecimento metodicamente ordenado.

Mesmo assim, os saberes responsáveis pelos fatos contados

não suportam tais agravos. Acreditam-se obrigados a considerar, no mínimo, o agente ativo como desordenado das faculdades mentais. Trata-se figurativamente de um repto para Enrico Ferri, um desafio para os Cesare Lombrosos que hão de vir.

4. Sobre o Saber Psiquiátrico e a Loucura

Foi a psiquiatria que classificou os loucos como categoria. Assim, os psiquiatras se tornaram responsáveis não apenas pelo estigma de tratar uma patologia tão controversa quanto a loucura, como também de representar o asilo, *locus* de expressões e comportamentos considerados perigosos para a sociedade.

No Século XIX, Philippe Pinel (1745-1826) deteve seu olhar sobre a ambiência asilar e percebeu a confusão de indivíduos, considerados ladrões, vagabundos, marginais, loucos, leprosos etc., que se espremiavam entre as paredes desse tipo de instituição. Viu, então, a necessidade de separar os denominados *loucos* e nomeá-los como singularidades da nosologia médica. Com isso, foi produzido novo espaço - o hospital psiquiátrico - que deixou de ser o ambiente de todos para se transformar no asilo de poucos.

O asilo passou a desempenhar a função de recuperar os indivíduos que se encontravam desorientados,

destanizados, através de um tratamento moral, baseado na disciplina e nas regras pedagógicas. Assim, no asilo, o louco, este indivíduo de comportamentos e gestos inoportunos e inconseqüentes, e de vontades perturbadas, encontrava meios que o fariam retornar ao seu estado de lucidez.

Jean Étienne Dominique Esquirol (1772-1840), médico de prestígio, ensinava que

... o movimento pelo qual o erro se dissipa e a verdade novamente se faz ver é quando o indivíduo volta às afeições morais dentro dos seus justos limites, cria o desejo de rever seus amigos, seus filhos, recupera as lágrimas da sensibilidade, a necessidade de abrir seu coração, de estar com sua família, de retomar seus hábitos (Cf. FOUCAULT, 1989:121).

Com a Revolução Industrial e a crescente urbanização desenvolvida a partir de então, a medicina avançou no domínio das técnicas e direcionou sua preocupação com a taxinomia das doenças que se tornam o elemento fundamental a ser tratado e regido privativamente pelo conhecimento médico.

A desordem mental, então, é cuidada no interior de espaço específico - o recolhimento psiquiátrico - agora dominada pelo saber médico, que a observa, classifica e cataloga seus sintomas, no intuito de

assenhorear-se do corpo em seus gestos desordenados, a ele ensinando a ter um comportamento *normal*.

Todavia, na segunda metade do Século XIX, as condições de vida apresentam-se precárias. Com o aumento da população e as novas relações desenvolvidas em decorrência da industrialização, forma-se um contexto caótico, donde há necessidade de retirar os elementos que não se adequam à nova ordem. Esses indivíduos eram enviados para as instituições psiquiátricas, causando excesso de população asilar, interferindo negativamente no trabalho até então feito pelos médicos com os pacientes mentais, com base em princípios de cuidado moral.

Com este quadro, a maneira como a doença mental estava sendo tratada pela psiquiatria é cada vez mais questionada pelas autoridades médicas. Michel Foucault informa que

... os grandes abalos que sacudiram a psiquiatria, desde o fim do Século XIX, essencialmente colocaram em questão o poder do médico. Seu poder e o efeito que produzia sobre o doente, mais ainda que seu saber e a verdade daquilo que dizia sobre a doença. (...) o que foi questionado é a maneira pela qual o poder do médico estava implicado na verdade daquilo que dizia, e inversamente, a maneira pela qual a verdade podia ser

fabricada e comprometida pelo seu poder (FOUCAULT, 1989: 124).*

Os estudos procedidos por Louis Pasteur (1822-1895) e Robert Koch (1843-1910) vieram reforçar tais posicionamentos. A moléstia, no entendimento desses cientistas, deveria ser combatida no organismo, com o tratamento direcionado à causa única, provocadora da patologia.

Tendo sido assim, a medicina se introduziu na seara das ciências naturais por se achar capaz de conhecer, controlar e combater as doenças, em razão da descoberta de antídotos específicos para problemas de saúde, também, particulares.

Desse modo, assim como outras doenças orgânicas - sífilis, diabetes, sarampo, rubéola, pneumonia etc., a doença mental passa a ser *naturalizada* pela psiquiatria, que adota uma concepção organomecanicista no seu trato. A interação médico/paciente se desenvolve num contexto em que as atuações são explicitamente diferenciadas. O médico psiquiatra atua na condição de detentor do saber sobre o paciente, o qual, em virtude da sua doença, perde toda a capacidade de reação como pessoa.

Madel Luz diz que

... esta ordem (clínica) do controle da doença que situa a patologia no centro do palco da

clínica, ainda que seja eterna adversária, é um dos aspectos mais controvertidos, dos pontos de vistas epistemológico e ético, da medicina moderna. (...) na medicina que exclui do foco de sua atenção o próprio doente, tornando-o um simples figurante da cena clínica, sem direito a voz, nem gesto, reduzindo-o a corpo, sede de patologias (LUZ, 1989:53).

A psiquiatria tentou, por meio de estudos no organismo, descobrir uma etiologia igualmente orgânica para a doença mental. A descoberta de que a paralisia geral sofrida pelo paciente decorria da sífilis (avarirose ou *lues*, produzida pelo micróbio *Treponema palidum*) contribuiu para reforçar o paradigma organomecanicista deste sub-ramo da medicina.

Contudo, o modelo não correspondeu satisfatoriamente no controle da esquizofrenia, estado de morbidez mental que abalou os conhecimentos estruturados ao longo do tempo a respeito de especificidades da loucura.

Desde a Segunda Guerra Mundial, a medicina psiquiátrica vem se desenvolvendo, tanto no sentido do incremento tecnológico de que passou a dispor, quanto no que se refere aos fármacos, que evitam a internação do paciente. Porém, a tese segundo a qual o conhecimento psiquiátrico contribuiu significativa-

* *Ipsis litteris da tradução.*

mente para a melhoria do quadro, em que se encontram pacientes considerados doentes mentais, é contraditada pelas análises de Michel Foucault. No entendimento sempre idôneo deste estudioso, o nascimento da psiquiatria relaciona-se à tentativa da *razão iluminista* de afugentar e encarcerar o absurdo, o caos, a desrazão, o fora, a poesia, a contracultura. O diferente, portanto, seria aprisionado em estabelecimentos especiais, com a devida legitimação científica, como rotulado e catalogado nas espécies nosográficas. A doença mental seria, também, produto da rejeição social que ignora a diferença, porque esta incomoda e suscita questionamentos, causando inquietação à estabilidade do *normal*.

Michel Foucault entende que, a partir do advento do capitalismo, produziu-se a necessidade de socializar o corpo em função das novas forças produtivas e das relações de produção. Os loucos, por não atenderem a esta demanda, foram excluídos do convívio social e recolhidos ao asilo. Desta forma, é institucionalizada a violência contra os incapacitados que não se adequam a este modo de produção.

O propósito da instituição asilar é fazer um trabalho de reeducação com o louco, a fim de readaptá-lo à sociedade, dele fazendo um indivíduo produtivo. Para Foucault, Philippe Pinel é o *inventor* de uma disciplina sutil e sofisticada, uma es-

pécie de violência encoberta da disciplina e do controle dentro do asilo, não o grande reformador moral da psiquiatria. Esta é a força legitimada que o poder tem de diagnosticar e interferir no destino dos indivíduos considerados ofensivos à sociedade.

Sendo assim, podemos aventar a hipótese de que a loucura, até hoje, inquieta o saber médico e a sociedade em geral quando ocorrem crimes como os de Pierre Rivière e Marcelo Andrade.

Este tipo de violência, sem dúvidas, afronta nossa racionalidade por situar em xeque a verdade, o saber e atuação do ser humano, limitado na sua conduta por um vastíssimo corpo de preceitos sociais, tanto explícitos como tácitos.

A origem do desejo é desconhecida, como verificamos nos dois agentes ativos aqui referidos; havia uma necessidade de satisfazer este desejo. Com isto, mesmo com todos os aspectos mencionados sobre as condições econômicas, emocionais, familiares etc. dos criminosos, resta a pergunta: - por que tantas pessoas em situações semelhantes não chegam a cometer assassinatos deste tipo? - Será o comportamento destoante (a loucura) invenção de um saber, a fim de controlar o diferente, ou desordenamento mental é um desejo que pode se manifestar em qualquer um de nós, independentemente das condições às quais nos submetemos?

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.** Trad. Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro : Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro : Graal, 1989.

_____. **Vigiar e punir: nascimento**

da prisão. Trad. Lígia M. P. Vassalo. Petrópolis : Vozes, 1987.

LUZ, Madel T. **Além da Dicotomia saúde-doença: repensando este binômio** (Resumo da comunicação apresentada no Taller de Medicina Social que se seguiu ao VI Congresso Mundial). Las Palmas : setembro/1989.

VEJA, Editora Abril - Edição 1223, ano 25 - nº 9, 26 de fevereiro de 1992.